

Mariologia popular em José de Anchieta: Da Virgem da Assunção – a "Conquistadora" – a "Tupansy" de Rerigtibá

Felipe de Assunção Soriano, SJ[1].

Resumo
José de Anchieta é o primeiro mariólogo jesuíta, conforme a tese de José Maria Fornell (1997). A sua devoção à Virgem Maria aprofundou nele traços decisivos da cultura portuguesa que influenciam o seu imaginário e moldam a forma como ele viveu sua consagração religiosa na Companhia de Jesus. Todavia, longe de ficar preso a esses arquétipos, se inseriu nas culturas e costumes indígenas de tal maneira que sua mariologia foi capaz de ser uma resposta aos desafios da Missão. Como bom teólogo que era, operou durante toda a sua vida um processe profundo e minucioso de inculturação de sua experiência marial, fazendo migrar da Maria do Conquistador para a Maria dos aldeados. Tal processo de decolonização da sua própria experiência é o primeiro passo que possibilitará, a partir do teatro e de outros instrumentos catequéticos, a retomada do projeto missionário jesuíta tendo na figura da Mãe de Deus (a *Tupansý*) um modelo mais bem-acabado da meta cristã. Será na Missão de Rerigtibá, com o *Auto da Assunção*, que José de Anchieta operará vários processos de descolonização e ressignificação de sua experiência marial.

Palavras-chave: Portugal, Devoção, Missão, Teatro, Mariologia.

Introdução

O artigo que agora apresentamos tem por finalidade demostrar que em José de Anchieta aconteceu um deslocamento e ressignificação de sua experiência marial a partir de suas experiências com o gentio[2]. Mesmo fazendo uso dos vários elementos adquiridos em berço europeu, José de Anchieta foi capaz de promover profundo deslocamento na perspectiva sinalizada por Pe. Antonio Gonzales Dorado, SJ, com o título: *Mariologia popular latino-americana – Da Maria conquistadora à Maria libertadora* (1992). No *Auto da Assunção, quando levaram uma imagem a Rerigtibá*[3], obra teatral preparada para a inauguração da Igreja da Missão, acontece uma

[1] Padre da Companhia de Jesus e Mestrando com pesquisa em Teologia sobre o Teatro de José de Anchieta na Missão de Rerigtibá e sua Mariologia Popular pela UNICAP. felipeassj@yahoo.com.br
[2] Termo usado para designar os estrangeiros. Entre cristão, os que professam o paganismo e, no Brasil, para designar a grande porção de nativos da terra.
[3] Citamos neste artigo a obra "Auto da Assunção, quando levaram uma imagem a Rerigtibá", nome dado por seus pesquisadores, como a expressão "Auto da Assunção".



decolonização de sua mariologia. O que queremos desvelar, acompanhando sua mirada, é como molda a figura da Virgem Maria da Sé de Coimbra à Catedral na selva de Rerigtibá.

As origens da tradição marial da nossa matriz colonial

Por causa da pedagogia dos padres da Igreja, consolidou-se em toda parte um paralelismo simbólico entre a *Virgindade de Maria* e a *fecundidade da Mãe Igreja*. Este simbolismo consistia em conceber a Igreja como esposa fecunda de Cristo, fazendo de cada cristão, no ato do seu batismo, filho adotivo da Mãe Igreja. Essa experiência de pertença se atualiza na experiência lusitana por meio da religiosidade popular e na construção de Igrejas ou Catedrais dedicadas a Virgem. Tais Igrejas, conforme este sistema teológico, dedicadas a *Santa Maria*, tinham por festa principal o dia 25 de março – Festa da *Maternidade Divina.*

Com o avanço do movimento da Reconquista da Península Ibérica, logo após a invasão Árabe (711 – 726), que em Portugal se completou no Séc. XIV, foi possível recuperar os vários templos marianos que estavam em ruínas e recolocar seus oragos. Conforme pesquisas atualizadas, a maior parte das Catedrais ibéricas, salvo a de Dume, no norte de Portugal, eram dedicadas a *Santa Maria* (COSTA, 1957, p. 8-9). Este movimento de reconquista marial se estendeu e foi ganhando novas roupagens nas várias fases da reorganização, consolidação e expansão portuguesa.

A devoção a *Santa Maria* permaneceu sempre viva mesmo no período do domínio Muçulmano. Conta-se que, na Igreja de *Santa Maria* de Ossónoba (atual cidade de Faro na região do Algarve), grande centro de peregrinação, conservou-se uma imagem da Virgem de Faro que, do seu nicho do castelo, em frente ao mar, atraia a devoção dos Macárabes e dos cristãos cativos. Conforme se conta, os Muçulmanos deitaram a imagem ao mar, cometendo grande sacrilégio. Como reza a devoção popular, só voltou a ter peixe naquela região, quando os mouros devolveram a imagem da *Santa Maria* ao seu lugar de origem, vindo, depois disso, a haver peixe em quantidade maior que havia antes.

Como primeira ação do Portugal nascente, isso na separação do Condado Portugualense da Monarquia Leonesa, são restauradas as dioceses de Braga e Coimbra – Igrejas Mães dedicadas a *Santa Maria - Rainha de Portugal.* Nos anos seguintes, restauram-se ainda outras dioceses: a Diocese do Porto (1112), dedicada



a Bem-aventurada Virgem Maria e a criação ou restauração das dioceses de Lamego e Viseu (1147); Lisboa (1148); Évora (1166), Algarve (1189); Guarda (1203), todas consagradas à devoção da *Santa Virgem Maria*. Contudo, no século XII, neste primeiro momento do nascimento de Portugal, a diocese de Braga ocupará lugar de maior destaque neste processo.

Um dos fatos mais interessantes nesta construção da identidade nacional portuguesa se deu com a ascensão de D. Afonso Henriques, primeiro rei, que, interessado em engrandecer imensamente a Igreja metropolitana de Braga, concede-lhe o seu couto ou dote de família. D. Afonso Henriques percebeu a extraordinária influência que a devoção de Braga exercia sobre toda aquela região e decide, em oposição a Igreja do padroeiro da Península Ibérica, Santiago de Compostela, tomar esta *Senhora* por modelo garantindo a independência de Portugal nascente. Assim se lê na carta de Couto, datada de 27 de maio de 1128: "Assim como meu avó, el-rei D. Afonso, auxiliou a construção da igreja de Santiago, do mesmo modo dou eu e concedo a Santa Maria de Braga o direito de cunhar moeda para construir a sua igreja" (COSTA, 1957, p. 16).

Neste contexto, marcado por vários interesses econômicos, sociais, culturais e políticos, vai se dando a fusão entre Igreja e Estado na medida em que nasce uma nova mariologia. No mundo espanhol, tal contorne ficará ainda mais evidente:

> Mas ao chegar às novas praias, Maria adquire imediatamente uma nova e original configuração, cuja expressão mais típica, no meu entender, e, ao mesmo tempo, mais ambígua, será a de ser considerada como 'A Conquistadora'. Assim se denominará já nos primeiros anos e, concretamente na Guatemala, a Virgem levada pelo mercedário Frei Bartolomeu de Olmedo. É o mesmo nome que o B. Roque Gonzalez dava à imagem da virgem que carregava em todas as suas correrias apostólicas no meio do mundo guarani (DORADO, 1992, p. 34).

De maneira distinta da experiência espanhola, o passo seguinte promovido pelos reis de Portugal terá o mesmo impacto. Sem necessitar definir à Virgem Maria como "Conquistadora", os portugueses reconhecerão a unidade do império português e sua poderosa intercessão sob o título de sua Gloriosa Assunção. Contudo, só mais tardiamente, com a conquista da mesquita de Ceuta, cidade do norte de África pelos



portugueses em 1415, foi entronizada uma imagem da Virgem Maria Assunta dita como “A Conquistadora” (BOFF, 2009, 180).

A devoção a Nossa Senhora da Assunção na casa de Avis

A devoção a Nossa Senhora da Assunção remonta o primeiro século do cristianismo de forma implícita ou explícita no ensinamento dos padres da Igreja a partir das noções de “Recapitulação”, “Maternidade cheia de mistério” e “Virgindade mirífica” (estes dois últimos remontam os primeiros dois dogmas mariológicos da era cristã, séc. III). Mesmo havendo invocações diversas à Virgem Santíssima, desde o início no séc. XI, por causa da sua maior festividade na península ibérica que era a festa da sua *Maternidade Divina,* os portugueses expressam sua devoção sobre o título *Santa Maria*.

Todavia, mesmo sendo festa de *Santa Maria,* na região central da Gália, a festa principal de Maria está associada à sua morte e subida aos céus em corpo e alma. Essa festa, a princípio, era celebrada na metade de Janeiro, segundo os testemunhos de S. Gregório de Tours (538-594) e foi fixada, posteriormente, pelo Imperador Maurício (582-602) em 15 de Agosto. O registro mais antigo que temos da penetração desta doutrina na Península Ibérica, com o nome de *Dormição da Virgem Maria,* é do séc. IV no sarcófago páleo-cristão da cripta de Santa Engrácia de Saragoça. No final do séc. IX e início do X registram-se a inclusão definitiva desta festa no calendário litúrgico hispânico com a adoção do novo Missal Romano.

A devoção à Senhora da Assunção era tão grande na Casa dos Avis que o Frei Agostinho de Santa Maria chegará a propor a D. João I que, em memória da batalha de Aljubarrota (14 de agosto de 1385)[4], que todas as Igrejas de Portugal passem a ter por festa o dia da *Assunção de Maria*. Tal pedido, que traz em si um claro componente nacionalista, cairá muito bem aos ouvidos do Rei que se moveu prontamente neste intento escrevendo ao Papa. O Papa Bonifácio IX concedeu aprovação em 1394, tornando *Nossa Senhora da Assunção* a primeira Padroeira Nacional de Portugal (COSTA, 1957, p. 36).

[4] Dom João I, o Grande, fundador da dinastia de Avis, foi o rei que garantiu a independência da nação do domínio de Castela com a batalha de Aljubarrota. Em comemoração à Virgem Assunta fez edificar uma igreja sob o título de Nossa Senhora da Vitória - Mosteiro da Batalha (BOFF, 2006, p.179).



Neste pequeno percurso, ficam evidentes as origens marianas de nossa matriz colonial. Observamos que tal devoção sempre esteve ligada à lógica do conquistador e comprometida com o projeto nacional do império português, i. é, estava a serviço do imaginário "glorioso" de uma conquista econômica, social, política, cultural e espiritual. A tecedura feita pela devoção popular a partir da matriz medieval, sua sensibilidade pelo combate, ressarço do infiel, a valorização da sua maternidade divina e, de forma final e completa, sua Gloriosa Assunção contribuíram para a consolidação do projeto português.

Embora seja mais ousada a experiência espanhola ao nomear a Virgem Maria por "Conquistadora", tal evidência não pouco escandalizou alguns missionários portugueses que tentaram suavizar tal instrumentalização, compreendendo tal nomeação como "conquista espiritual". No caso português, quem irá enxergar tal potência como nova chave teológica será o Frei Agostinho de Santa Maria, quando atribui à Virgem Maria um papel estritamente evangelizador quando vinculava qualitativamente os interesses do conquistador, a expansão da fé Católica e a construção de Igrejas Marianas.

José de Anchieta chegará a Portugal tendo esse processo de construção do imaginário religioso, social e político já concluído e consolidado, enquanto estudante com 14 anos, faz sua inserção neste imaginário. Aí é aceito para estudos no Colégio de Artes e Humanidades de Coimbra e, mesmo sendo canário, i. é, espanhol, se destaca no domínio da língua lusitana. Obstante suas origens familiares, encontrará na devoção a *Santa Maria* os valores que nortearam sua vida. Como veremos, sua vida inteira se deu sobre o olhar amoroso da Bem-aventurada Virgem Maria. Por isso, que, na Sé de Coimbra, diante da imagem de Nossa *Senhora da Assunção*, padroeira de Portugal, ele desenhará para si uma história de despojamento, paixão e glória.

Os profundos rasgos da experiência marial de José de Anchieta

José de Anchieta nasce em 19 de março de 1534, nas Canárias, Ilha de Tenerife, na cidade de São Cristóbal de La Laguna[5], tendo por onomástico o nome de São

[5] Das sete principais ilhas que compõe o arquipélago das Canárias, a maior em extensão é a ilha de Tenerife e a mais bela em relevos geográficos ponto de chagada e saída das navegações no Atlântico (2.053 km2). (CARDOSO, 2014, p. 29).



José, o Esposo de Maria. Seus pais, Juan Lopes de Anchieta e Mencía Díaz de Clavijo y Llarena, o batizaram a 7 de abril de 1534 na Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de La Laguna. Ali, junto aos pais, viveu até os seus 14 anos, depois disso, passou a viver em Coimbra no Colégio de Artes. Conforme seus biógrafos, sua ascensão judaica foi o motivo que levou seus pais a não enviá-lo a sua terra natal.

Como seu pai, Juan Lopes de Anchieta, que era escrivão no cartório de registro de La Laguna, José de Anchieta logo se destacou no uso das letras. O ambiente cultural da ilha vocacionada ao comércio marítimo fez de José de Anchieta um homem aberto para novas línguas. Aos 10 anos de idade, conforme comentam seus biógrafos, na Igreja da Imaculada Conceição de Tenerife, já cultivava o desejo de se consagrar à vida religiosa. Por causa das suas habilidades literárias foi escolhido, junto com o seu irmão, para ter estudos especiais no Colégio de Artes de Coimbra. Lá chegando, vai descobrir um mundo novo e encontrar uma nova família (Os Jesuítas). Conforme o costume, no dia da sua viagem, seus familiares, seu pai e sua mãe o consagram à Virgem Maria (CARDOSO, 2014, p. 35-39).

Conforme seus biógrafos, José de Anchieta, depois de iniciado seus estudos em Coimbra, num dia de guarda dedicado a *Santa Maria* e saindo de uma procissão, movido pelos melhores desejos, entra na Sé de Coimbra e, diante da imagem da Senhora, faz voto de perpétua castidade. Como era comum naqueles tempos, as cartas dos missionários da Companhia de Jesus no novo mundo enchiam o imaginário dos estudantes de um dia ir trabalhar nas missões. Como o jovem Anchieta era parente distante do grande Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, decide entrar nos jesuítas fazendo seu noviciado em Coimbra.

Lá, faz os Exercícios Espirituais de um mês, exigência para todos os que desejam se alistar na companhia. Certamente, conforme a letra inaciana, tirou grande proveito espiritual ao contemplar os mistérios da encarnação e a meditação das duas bandeiras, pedindo insistentemente a Virgem Maria que lhe conceda a graça de ser colocado com o seu Filho. Terminado o noviciado, conforme a fala do seu Provincial, mesmo com grave problema de saúde, foi enviado ao Brasil, pois, conforme se diz, se não for útil para o trabalho missionário, pode se aproveitar para santo.



Ao chegar ao Brasil, aporta em Salvador, onde terá os primeiros contatos com o trabalho missionário com o gentio. A pedido do Pe. Manuel da Nóbrega, irá se dedicar como mestre escola na educação dos nativos e filhos dos emigrantes portugueses. Neste período registra-se a construção de dois instrumentos para a catequese: o catecismo e a gramática da língua do Brasil. Como fato inusitado, por ocasião da inauguração da aldeia de Piratininga, Pe. Manuel da Nóbrega pedirá ao jovem Anchieta para preparar uma peça teatral como auto de natal. O espetáculo foi chamado por ele de *Pregação Universal* (1561), pois, nas línguas que eram faladas no Brasil, se anuncia o nascimento do Senhor Jesus.

Contudo, a sua obra principal de mariologia é, sem sombra de dúvida, o *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria* (1988). Escrito num momento dramático enquanto refém entre os índios Tamoios. Sozinho entre os inimigos, sujeito a todo tipo de perigos, tendo só o seu breviário, irá escrever nas areias da praia de Iperoig seus versos a Cristo e a Virgem Maria. Depois de quase dois meses e meio, regressa à residência da Companhia, onde cumpre a promessa que tinha feito a Virgem Maria de colocar no papel tais versos que lhe havia dedicado. De memória, transcreve mais de 5.787 versos em puro latim usados por humanistas.

Seus biógrafos são unânimes ao destacar como marca distintiva de sua lírica a sua devoção à Virgem Maria[6]. Na experiência de José de Anchieta, nos deparamos com a tentativa constante em sua poesia de identificar o sujeito e objeto de sua devoção. Como catequista que era, nada nele é por acaso. Em seus versos se articulam, como sistematiza Gonzalez Dourado, a tentativa de apresentar tanto a Maria da história, a Maria da fé pascal, a Maria da Igreja Magisterial e a Maria da piedade popular. É, neste esforço, que reconhecemos a decolonidade de sua mariologia, pois Maria aparece no imaginário colonial como a "Conquistadora"[7], originando uma ambígua teologia que gera uma imagem ainda mais ambígua para o indígena (DORADO, 1992, p. 36).

A experiência de José de Anchieta na Missão de Rerigtibá (1579 -1597) difere e muito aquilo que se operou na experiência do Pe. Roque González no Paraguai,

[6] Os seus três primeiros biógrafos são unânimes: Querício Caxa, Pero Rodrigues (Loyola,1988) e Simão de Vasconcelos (Impressa Nacional, 1943) desenvolvem um crescente no tocante a sua devoção.

[7] A noção de "Conquistadora" está associada diretamente à cultura e tradição portuguesa e espanhola. Repare que quando os portugueses associam Nossa Senhora a "Conquistadora" tal analogia se dá por causa da vitória de Aljubarrota com o título de Nossa Senhora da Vitória.



pois a morte dos missionários significou a quebra do ícone da Conquistadora que eles lavavam (1576-1628). A imagem da Virgem Maria que se entronizará na Igreja da Missão Rerigtibá, conforme o projeto catequético de José de Anchieta, pode ser tudo, menos a Conquistadora. A situação dramática em que se encontravam os povos indígenas, principalmente por causa da violência promovida pelos portugueses, irá mover a inteligência e o coração do nosso apóstolo a fazer desta experiência o seu maior legado aos índios do Brasil.

Processos de decolonização e ressignificação de sua mariologia

Explicar o decolonial não é tarefa simples, pois trata-se de um campo novo da epistemologia ainda pouco explorado pelos intelectuais na área de Humanas no Brasil. Em linha geral, visa desnudar experiência de desobediência epistemológica evidenciando novas relações de poder, de pensar e ser inerente a suas próprias culturas que, como consequência da própria globalização, acabaram ideologicamente silenciadas. Por decolonização compreendemos o resgate dos aspectos históricos, teóricos, pedagógicos, políticos e religiosos que dão suporte a ações emancipadoras de respeito às alteridades de grupos subjugados. A decolonização intelectual mostrar-se-á indispensável na mesma medida em que a colonização do pensamento faz com que perdurem a opressão e o domínio (REIS, 2018, p. 3).

> O caso de Anchieta parece exemplar porque se trata do nosso primeiro intelectual militante. O fato de ter vivido inspirado pela sua inegável boa-fé de apóstolo apenas torna mais dramática a constatação desta quase-fatalidade que divide o letrado colonizador em um código para uso próprio (ou de seus pares) e um código para uso do povo. Lá o símbolo e a efusão da subjetividade; aqui o didatismo alegórico rígido, autoritário (BOSI, 1992, p. 93).

Na experiência de José de Anchieta dá-se destaque à cisão que sua mariologia madura nos oferece a partir do seu teatro catequético com exterioridade estética da fé e como lírica do sentimento religioso. A Virgem da Assunção que será introduzida na Missão de Rerigtibá é o fruto mais bem acabado de sua decolonização e ressignificação mariológica, pois visa estabelecer novas relações de poder,



consolidar nova forma de pensar e de sentir na vida da *taba*[8]. José de Anchieta viveu num mundo em transição, mas foi capaz de construir uma apresentação da Mãe de Deus que seja fiel e criativa, adotando como pontos de aderência à língua, a organização sócio-política das aldeias, os costumes indígenas e o papel social da mulher nas aldeias tupis[9].

A experiência do Pe. João Azpilcueta Navarro, o primeiro tradutor das orações para a língua tupi, abriu caminho para que José de Anchieta construa uma poesia diversa, imersa na devoção marial católica e rica de elementos alegóricos. O trabalho de aculturação linguística será a marca mais profunda de sua situação histórica, pois procurou no interior do código tupi moldar uma forma poética bastante próxima da medida ibérica enquanto usava a sintaxe, o ritmo, a música e o acento tupi. E não só as palavras, mas gestos, lugares, cores, costumes, pois aculturar é traduzir, por isso, seu esforço por penetrar no imaginário dos brasis para fazer migrar o discurso da fé de uma esfera simbólica a outra conferiu-lhe o título de apóstolo.

A partir das palavras *Tupã* e *Tupãnsý* se constrói toda uma semiótica, de influência bíblica e mítica, que subjaz a narrativa cristã, pois o Deus do Sinai é o Deus transcendente-imanente que é reconhecido por sua Palavra dirigida a nós e por seus trovões por trás da nuvem. Quase todas as composições suas contêm ideias ou imagens da Escritura. Por outro lado, elas estão mergulhadas no imaginário cultural ibérico e indígena. Como bom catequista, a palavra era colocada na boca e no coração do seu interlocutor provocando uma fluente alternância que fala tanto de quem ensina como de quem recita aquilo se é aprendido.

O *Auto da Assunção* é o lugar onde esta experiência de decolonização e ressignificação da sua devoção marial acontece. No conjunto do corpus teatral anchietano é considerado peça marginal, por estar restrita à Missão de Rerigtibá (escrito em língua geral). Encenado pela primeira vez na selva, em 15 de agosto de 1590, cumpre o papel de ser momento catalizador do projeto catequético Jesuíta. Para melhor evidenciar esta experiência de decolonização e ressignificação vamos

[8] Aldeia.
[9] A mulher é quem exerce papel ordenador nas aldeias tupis, pois, além dos afazeres em geral, toca-lhe o cuidado das crianças, sua educação, a transmissão dos valores comunitários e proteção. Elas são quem planta, colhem e preparam a mandioca e seus derivados. Em linha geral, são quem demandam e promovem a vida na aldeia, porque seu trabalho está comprometido com o projeto comunitário.



tomar o último ato, canção *Jandé kañemiré* ou *"*Cantiga por Querendo o alto Deus"[10], que foi incorporado ao conjunto do espetáculo a partir das pesquisas no Pe. Armando Cardoso no Teatro de Ancheita (1977).

A canção *Jandé kañemiré "*Cantiga por Querendo o alto Deus" é quem melhor reflete a forma como José de Anchieta trabalha os elementos da rica cultura tupi e onde melhor constatamos o fato que comprova o seu deslocamento fazendo migrar da Virgem dos Conquistadores à *Tupansý* dos índios aldeados. Mais que instrumento para uma mariologia social, José de Anchieta desejou apresentar fiel e criativa sua devoção, adotando como ponto de aderência à língua, sua organização sócio-política, os costumes indígenas e o papel da mulher nas aldeias tupis.

Nos vv. 1-8;10-12 aparecem a sua excelência e primazia, pois foi criada da parte de Deus com os dons melhores e constituída com a dignidade de ser a Mãe do Deus imortal da existência. Conforme seu projeto, tal mulher idealizada nos é dada para a contemplação, primeiro, por amor a nós, os pecadores, para que, por meio dela venha Jesus Menino-Salvador. Sua beleza, sua força e distinção são o que há de melhor de toda a nossa gente, valores que se devem buscar em toda mulher.

Por grande amor a nós pecadores
Tupã fez uma santa excelsamente,
A mais linda de toda a nossa gente,
E toda a enriqueceu dos dons melhores.

Dizendo "seja minha mãe querida"
Entre toda mulher a fez eleita,
A engrandeceu com afeição perfeita,
E encheu de grandes bens a sua vida.

Deu-lhe o nome de Maria, co'a potência
De derrotar o mal, e filha e irmã
A criou para ser Mãe de Tupã
Do Senhor imortal da existência.

Nos vv. 9-12 a Virgem ganha nome próprio, pois, mesmo sendo apenas criatura, Maria, seu nome, tem o poder contra os espíritos maus. Tal realidade, de fato,

[10] O texto do Auto foi descoberto no conjunto de textos encontrados pelo Pe. José da Frota Gentil, S.J. no *Archivum Romanum Societatis Jesu* - ARSI em Roma em 1930, um caderno composto por 208 páginas, de autoria de José de Anchieta e sob o códice do ARSI - *Opp. NN. 24* (ANCHIETA, 1954, p. XVII). Publicado integralmente com tradução do Pe. Armando Cardoso com o título *Teatro de Anchieta* pelas edições Loyola, 1977.



provocava profundo terror entre os tupis, por isso o fascínio dos índios quando ela é apresentada desta forma. Como ela é a Mãe de Tupã, a ela confiamos a nossa rota nos livrando dos perigos e tentações. Como o imaginário religioso tupi é marcado pela necessidade de mediações e mediadores, José de Anchieta não teme propor que nos recomendemos a ela, pois Maria esmaga o opressor – Anhangá (Demônio).

Nos vv. 13-16 aparece o motivo de nosso cantar, pois por meio dela (a Virgem) o Senhor vem visitar o seu povo, para nossas misérias levar. O poeta pede que a Virgem nos acompanhe nas batalhas, pois as mulheres acompanhavam seus maridos também na luta. A luta contra Anhangá toca a Jesus realizar, mas a Virgem Maria guerreia em nosso favor. Contudo, a luta não é só uma luta temporal, mas, também, luta espiritual sendo necessário crescer nas virtudes (v. 19 -20).

> Nela encarna Tupã, feito menino,
> E nasce duma virgem.
> A extirpar nossas misérias, vem-nos visitar,
> Querendo ser um lindo pequenino.
>
> Mãe de Tupã, Maria, que derrota
> *Anhangá* o inimigo e seu terror,
> Companheira de lutas, seu vigor
> nos ensina a virtude em nossa rota.
>
> Amemos todos nós Santa Maria,
> Metendo sua lei nos corações
> Nos desvie do mal e tentações,
> Esmagando *anhangá* em nossa via (vv. 13-24).

A *Tupansý*, conforme aparece na canção *Jandé kañemiré "*Cantiga por Querendo o alto Deus", é a mesma Virgem da Assunção? É a Senhora de sua devoção que o acompanhou desde os tempos de Coimbra? É a Padroeira do Império Colonial Português? Será que quis José de Anchieta atenuar a ambiguidade em entronizando uma imagem da Virgem Maria como "Conquistadora", porém em chave de uma "Conquista espiritual" ou, de verdade, quis algo mais com sua mariologia?

Na verdade, o festim da entronização da imagem na Igreja da Missão em Rerigtibá foi apenas o pretexto para sua nova mariologia. Naquilo que nos parece, considerando o fato de não ter ele dado título a este espetáculo, tudo nos faz crer que a Virgem da Assunção ali figurada está totalmente ressignificada. Como tal construção precisava ser significativa aos índios, não poderia ser de outra forma. Tal



construção, além de valorizar elementos das culturas indígenas, contribuía ativamente com sua organização, pois visava oferecer novo paradigma para superar os problemas internos e externos à Missão.

A *Tupansý* está comprometida com um projeto catequético bem delimitado, i. é, construir um novo saber pessoal e coletivo que articule tamanha diversidade a partir dos valores mais profundos que ordena o imaginário indígena marcado por resíduos de uma cultura matriarcal que confere a mulher papel ordenador nas aldeias[11]. José de Anchieta, a partir deste imaginário, desenvolve quatro elementos teológicos fundamentais para sua mariologia: A maternidade divina, sua poderosa intercessão, a eclesiológica e a escatologia. O pesquisador Armando Cardoso (1984, p. 79-80) é quem nos facilita nossa aproximação em cinco pressupostos:

1. José de Anchieta escreveu este canto não para nós e sim para os indígenas, i. é, para ser seu canto, sua voz, sua expressão de louvor e devoção a Mãe de Deus. Ele não precisava incluir neste texto imagens ou elementos que lhes são estranhos ou triviais, pois, como conhecia a fundo a mentalidade indígena, não quis algo exótico, isto é, as alegorias falam por si (Apresenta uma mulher como líder de nossa gente).
2. José de Anchieta quis proporcionar ao índio aquilo que de fato era novo para a sua cultura, i. é, um acréscimo humano-espiritual a partir da experiência de um Deus pessoal-comunitário, de forma compreensível a sua inteligência e que elevasse sua imaginação e sensibilidade. Com a introdução da Virgem da Assunção - *Tupansý* José de Anchieta promove uma inversão trazendo o céu a terra e, os índios, da terra ao céu.
3. José de Anchieta soube explorar e valorizar o que havia de melhor na alma indígena que é o amor aos filhos pequenos. É o menino Jesus que é especialmente apresentado aos índios como forte Senhor-Guerreiro que vence o mal e nos faz se tornar filhos de Deus. Da mesma forma, ao insistir na beleza, na força, na grandeza de Tupansý ele visa purificar o conceito mãe marcado pelos aspectos sexuais (objeto de prazer).

[11] Nota-se uma diferenciação na língua de homem e mulher, i. é, resto de uma antiga tradição matriarcal. Assim a mãe chama o filho de *membýra,* enquanto o pai o chama de *taýra.* José de Anchieta faz uso destas expressões desta forma: *Tupansý mémbýra* (Filha da Mãe de Deus) e *Tupã taýra* (Filho de Deus).



4. Ao constatar o interesse dos indígenas por tudo que podia ter valor que vinha de além-mar, José de Anchieta incorpora a sua produção catequética a sonoridade, simbólica e rítmica indígena. Irá incorporar seus saberes, seus dramas e conflitos para prender o seu público e valorizar seu caráter lúdico e festivo. A forma como ele concebe a sua mariologia coloca a Virgem Maria como parte integrante da vida da aldeia, diferente do modelo colonial que a concebe sempre separada e acima.
5. José de Anchieta toma seu ambiente simbólico de espíritos e demônios para promover à superação da cultura do medo, de superstições e etc. Será a virgem quem expulsa com o seu valor as forças do mal, fato que encantava deveras os indígenas. Outra imagem explorada se funda no fato das mulheres acompanharem seus maridos na luta, a *Tupansý* será, portanto, a companheira nossa contra *Anhangá* (Demônio).

Considerações

A história da consolidação do estado nacional Português é fortemente marcada por sua origem mariana. Todavia, como acontece no âmbito espanhol, a Virgem da Assunção vai se configurando pouco a pouco como a "Conquistadora". José de Anchieta fará a sua inserção neste imaginário cultural por meio de sua devoção a Virgem de Coimbra. O *Poema da Bem-aventurada Virgem Maria*, como sua maior obra literária, apenas confirma as raízes profundas de sua experiência marial e o tamanho da descolonização e a ressignificação que ele irá operar na Missão de Rerigtibá.

A apresentação de *Tupansý* aos índios se escreve como processo de decolonização quando interfere dialeticamente na relação entre colonizador/colonizado expressa mais claramente na "invasão cultural" e "colonização do ser". A ressignificação produzida em sua mariologia oferece uma nova representação simbólica na medida em que desconstrói o mito da estrutura opressora "a Conquistadora". Contudo, seu teatro catequético pode se escrever como estratégia pedagógica no processo decolonial em quanto dá contributo para superação das estruturas cognitivas que sustentam essa opressão.

Tal descolonização da sua própria experiência marial é o resultado mais bem acabado de sua inserção cultural. No Poema da Virgem, obra magna de sua



mariologia, é evidente sua forte marca devocional e a força do imaginário eurocentrista. Embora, o fato de ensinar a fé católica por si já se constitua como uma ação colonial, a sua mariologia foi capaz de profundo deslocamento abrindo espaço para novas relações de poder, de pensar e ser. Nesta perspectiva de decolonização, José de Anchieta constrói a selva o *Auto da Assunção* como apresenta da *Tupansý* – a Mãe de Deus – aos índios, em primeiro lugar, como lugar de convergência para essa diversidade, e, em segundo lugar, como lugar próprio de fala para os índios.

Referências

ANCHIETA, Joseph de. *A província do Brasil.* Coleção Brasileira de Divulgação (História), Série IV, nº 2. (1585), pág. 19.

_____. *Cartas, correspondências ativas e passivas.* **In.:** Carta nº 5: Quadrimestre de Maio a Setembro, dirigida por Anchieta a Santo Inácio de Loyola - São Paulo de Piratininga, 1º de setembro de 1554. São Paulo: Loyola, 1984, p. 69. §5.

_____. *Cartas, informes, fragmentos históricos e sermões.* **In.:** Informações da Província do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. *Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Poemas de José de Anchieta*, 1954, p. XVII.

_____. *Poema da Virgem Maria.* Trad. e Org. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1988, p. 19.

_____. *Teatro de Anchieta.* Trad. e Org. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1977, p. 15-16.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização.* São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 64-93.

CARDOSO, Armando. *Vida de São José de Anchieta – Um carismático que fez história*. São Paulo: Loyola, 2014.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril – Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580 – 1620).* Publicado pela EDUC, 2006.

COSTA, Avelino de Jesus. *A Virgem Maria padroeira de Portugal na idade média.* Lisboa, 1957.

DORADO, Antonio Gonzalez.: http://servicioskoinonia.org/relat/301.htm



FORNELL, José Mª. *José de Anchieta primer mariólogo jesuita.* Gramada: Faculdade de Teologia, 1997.

PENNA, Camila. *Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana.* Revista de Estudos &Pesquisas sobre as américas, v. 8; n. 2, 2014, p. 181-199.

REIS, Maurício de Novais e ANDRADE, Marcilea Freitas Ferreaz de. *O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas.* Revista Espaço Acadêmico, n. 202 – Março/ 2018, p. 1-11.

VIOTTI, H. Abranches. *Anchieta: o Apóstolo do Brasil.* São Paulo: Loyola, 1980, p. 191; 230.